

# Van Gogh: um pintor operário no berço da civilização

Cathérine Vieira

**“D**iga-lhe que meu grande desejo é aprender a fazer tais incorreções, tais anomalias, tais mudanças da realidade, de forma que resultem, sim, mentiras, se lhe apraz, mas mais verdadeiras que a verdade literal!”<sup>1</sup>

Ele se deixou seduzir pelas cores e, assim, as tornou mais fortes, apaixonadas e sedutoras do que qualquer outro pintor jamais tenha feito, e marcou a história da arte de uma forma tão singular que os estudiosos encontram dificuldades para classificá-lo dentro de um determinado movimento. Vincent van Gogh nasceu em uma pequena aldeia da Holanda, filho de um pastor protestante. Dos 37 anos que viveu, apenas dez foram dedicados à pintura, tendo antes se dedicado ao comércio das artes e à profissão de pastor, além de ter sido professor.

Neste período anterior à pintura, Vincent é um homem que busca desesperadamente a si mesmo, frustrado a cada nova tentativa. A profissão de pastor, no entanto, deixa marcas que serão claramente perceptíveis em todo o resto de sua vida de pintor. Dos preceitos evangélicos ele extrai a essência da maneira como passa a perceber o mundo. Se encanta pelo homem simples, pelas pequenas comunidades do interior da Holanda, pelo trabalhador e pelo operário. E é tomado por um sentimento de fascínio que ele fala destas coisas nas cartas que constantemente escrevia ao seu irmão, Theo.

Mesmo antes de seus desenhos e pinturas, Vincent escreve constantemente sobre arte, e não raro faz citações da Bíblia. Logo ele começa também a falar sobre os operários e sobre a natureza. Através de suas primeiras cartas, observa-se claramente a maneira como van Gogh vai associando todos estes elementos, como se, de repente, fechasse um quebra-cabeças. Em junho de 1879, ele escreve: *“Não conheço melhor definição da palavra arte do que esta: ‘A arte é o homem acrescentado à natureza; à natureza, à realidade, à verdade, mas com um significado, com uma concepção, com um caráter, que o artista ressalta, e aos quais dá expressão, resgata, distingue, liberta,*

*ilumina”* (p. 16)<sup>2</sup>. É neste ano que Vincent começa a desenhar. Depois de dois anos de estudo em Bruxelas e Haia, ele começa a pintar, percorrendo como um peregrino várias cidades da Holanda. Em suas imagens, cores sombrias como as do inverno holandês, operários trabalhando, rostos duros e marcados pelo trabalho árduo. Van Gogh se alimenta de seu fascínio pela natureza e pelos homens simples, como se houvesse finalmente encontrado a si mesmo. Na arte, ele consegue vislumbrar a síntese de tudo que procurava, ali estava seu caminho, a última peça de seu quebra-cabeças.

A pintura é o caminho que o conduzirá à sua própria verdade e, assim, ele se deixa levar, se deixa seduzir, obstinadamente, não importando as circunstâncias que isto viesse a implicar. Ele mesmo afirma: *“E foi, no entanto, nesta grande miséria, que eu senti renascerem minhas energias (...) e, desde então, parece que tudo mudou para mim.”*<sup>3</sup> Ele não enaltece a miséria, a vive por circunstância, porque se considera ele próprio um operário. Mas, se nas figuras de mineiros e tecelões já é possível ver óbvios traços da civilização industrial, como os traços de cansaço, as nuvens de fumaça e os rostos sujos de carvão que Vincent retratou (como no célebre *Os comedores de batatas*), vemos também nas próprias angústias e preocupações do artista vestígios daquela nova sociedade e a maneira como esta raciocinava.

Ao optar por uma arte que fugia aos padrões técnicos de uma academia que pregava a representação fiel de uma realidade aparente, que era visível somente aos olhos, Van Gogh se torna um artista marginal. Esta situação lhe proporciona uma vida de permanente dependência financeira de seu irmão Theo, o que lhe causou uma angústia que o consumiu crescentemente. Vincent se encontra com sua arte, mas os olhares de reprovação e a sua dependência financeira do irmão o incomodam. É esta incompreensão da sociedade que o isolará, o enlouquecerá e o matará, como preferiu conceber Artaud, chamando van Gogh de um “suicidado pela sociedade”.

O artista buscava a natureza, o simples, o trabalhador, buscava a essência porque nela via a liberdade. *“Na mais pobre*

*casinha, no mais sórdido cantinho, vejo quadros e desenhos. E meu espírito vai nesta direção por um impulso irresistível”*<sup>4</sup>. Ele buscava um olhar individual sobre as coisas, como se quisesse desesperadamente sobreviver, resistir àquela civilização que mecanizava as pessoas, que tornava tudo cada vez mais “igual”. E quanto mais se despojava das coisas, melhor podia ver e desenvolver aquele sentimento que jogava sobre as telas. Vincent despreza e não quer, decididamente, pertencer à maioria. Sabia o custo de sua liberdade e decidiu pagá-lo. O preço de estar à margem, de ser rejeitado pela sociedade. Uma sociedade que vira sua face a ele por medo de ter que enxergar sua própria banalidade, suas verdades mais profundas e incômodas. Uma sociedade que o puniu severamente por ele ter ousado querer romper com ela.

Depois de passar pouco mais de um ano em Paris, onde estudou mais sobre a pintura e conheceu alguns pintores impressionistas, dos quais se tornou amigo, Vincent logo compreendeu que não suportava a velocidade da metrópole e que seus hábitos lhe eram estranhos. Precisava se encontrar com a natureza mais pura para poder desenvolver uma nova característica que surgia em suas telas: a intensidade das cores.

Ele apreende detalhes aqui e ali, mas tem o dom de transformar aquelas influências em algo completamente novo. A intensidade de sua entrega permitiu-lhe ir mais fundo do que qualquer outro pintor de sua época. As cores eram agora traduções infalíveis de seus sentimentos e se completavam em inexplicável harmonia com suas pinceladas virulentas e seus traços rudes. E deu às coisas simples, como uma paisagem ou um vaso de girassóis, um significado tão intenso e uma luz tão fascinantes que, antes dele, seriam difíceis de imaginar. Um significado que os homens da nova civilização jamais poderiam ver em coisas que se tornavam corriqueiras, em uma sociedade que cada vez mais se preocupava com a utilidade prática do homem e das coisas. É, portanto, em Arles, que ele encontra a tranquilidade, fugindo da cidade grande e de seus atropelos: *“Os costumes aqui, parecem, são menos inumanos e antinaturais do que em Paris”*<sup>5</sup>. Nesta pequena cidade ao sul

## ■ INICIAÇÃO CIENTÍFICA

da França, o artista se encontra definitivamente com sua pintura.

Para buscar o melhor de seu trabalho, precisava desligar-se cada vez mais daquele mundo que ele próprio chamou de "antinatural", e ir em direção ao seu íntimo. Em Paris, isto não era mais possível. "Paris é uma cidade engraçada, onde é preciso viver se matando, e onde enquanto não estivermos meio mortos não há nada a fazer".<sup>6</sup> Vincent vai para Arles, fugindo da metrópole e da morte, em busca da possibilidade da arte que, para ele, é a única possibilidade da vida.

Ele agora tem cores e formas só suas e imprime às suas obras uma marca indelével, um estilo que não mais mudará até a sua morte, dois anos e meio mais tarde. Neste curto período, Vincent van Gogh pintou mais da metade de toda a sua obra. E o que vemos são os mesmos temas que sempre o apaixonaram: a natureza, a simplicidade, pessoas "comuns". A ele interessa ainda aquele camponês do início de seus trabalhos, camponês que conhecera tão bem no interior da Holanda. Neste camponês estão as marcas do início de uma prova de civilização mas, ao mesmo tempo, está nele também a simplicidade, um elo com a natureza.

Vincent desejava apenas pintar aquelas pessoas simples como se "tivesse o infinito nos olhos", como se sentissem como falou Baudelaire em seu *Spleen*: "Eu tenho mais recordações do que se tivesse mil anos". Este é o homem do século XIX. E van Gogh sintetiza a maneira como este homem vive: "(...) Justamente este sentimento de não saber torna a vida real que vivemos atualmente comparável a um simples trajeto de trem. Andamos depressa mas não distinguimos nenhum objeto de muito perto, e sobretudo não conseguimos ver a locomotiva".<sup>7</sup>

O artista era feliz em Arles com a vida que escolheu para si. Ao retratar o pequeno quarto em que vivia, ele mostra toda a emoção que via na simplicidade. Uma cadeira, uma cama, alguns detalhes e cores, muitas cores. Havia vida ali, a sua própria vida. Ele não precisava mais do que aquele quartinho, dali ele poderia pintar: a paisagem que via da janela, seus próprios objetos, a si mesmo ou um outro modelo.

"Assim a sociedade mandou estrangular nos seus manicômios todos aqueles dos quais queria desembaraçar-se ou defender-se" (Artaud)<sup>8</sup>. E este sanatório do qual falava Artaud, no caso de van Gogh, chamava-se Saint Rémy. Ele aceitou e concordou resignadamente com sua ida para lá, na sua "qualidade de pintor e de operário".<sup>9</sup> A pintura já lhe era tão suficiente que pouco importava se estaria num asilo de loucos, se



de lá pudesse continuar a buscar a complementaridade das cores. Para ele, estar trancado em um sanatório pôde, em certo momento, significar a mais profunda liberdade, a liberdade da qual ele precisava para criar. Ao passo que estar numa cidade como Paris, significava para ele uma grande prisão: a prisão dos sentidos.

Mas se a estada em Saint Rémy o afastou de um mundo e o devolveu a outro — que o interessava muito mais — seu retorno à realidade foi, talvez exatamente por isso, muito mais que desastroso. Em *Auvers-sur-Oise*, onde se instalou no início de junho de 1890, ele pintou nada menos que cerca de 75 telas e conheceu seu famoso amigo Dr. Gachet. Lá viveu seus dois últimos meses de vida.

A angústia de não vender suas telas e causar cada vez mais prejuízos a seu irmão o consome, assim como a retomada de contato com a sociedade após um ano de reclusão. Em uma carta da época de Arles, Vincent afirmou: "Você terá sido pobre todo o tempo para me alimentar, mas eu devolverei o dinheiro ou entregarei minha alma".<sup>10</sup> Suas cores e formas, no entanto, eram absurdas para os salões oficiais parisienses e seus temas eram igualmente desprezáveis: "o que há de tão interessante nestas paisagens e objetos comuns pintados de maneira deformada?", diriam os espectadores de então. Assim, não lhe restou outra alternativa senão entregar sua alma, atirando contra o próprio ventre.

Enquanto a idéia de morte o consumia, ele não se furtou a nos mostrar sua chegada. Ainda na Holanda em 1883, ele disse: "Parece-me que raciocínios como aqueles que se ouvem demais entre os negociantes de quadros são horríveis grasnidos de

corvos".<sup>11</sup> São estes corvos que intitulam sua última tela. O espaço se divide em duas partes, acima há um céu pesado, de azul forte e fechado como nunca antes. É noite. No entanto os trigais brilham majestosos amarelos e vermelhos como se estivesse iluminados pela alegria do sol. Os malditos corvos sobrevoam o campo com seu "horível grasnido" que atormenta van Gogh e o vence. Não importando em que terrível civilização tenha vivido, ele deixa claro que amou a natureza — aqui representada por intensos trigais que mesclam um forte amarelo com nuances avermelhadas — a pintura e a cor mais do que tudo. Mas os corvos invadiram seus cenários e estão grasnando, como se o atacassem. Assim, no meio de seus trigais se abre um caminho, cujo destino não se pode enxergar. Por ali, Vincent espera escapar.

**Cathérine Vieira**

• Jornalista formada pela PUC-Rio, e assessora de imprensa do IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas).

**Referências Bibliográficas**

1. In: Cartas a Théo, pg.105
2. Idem, pg. 16
3. Idem, pg. 29
4. Idem, pg. 49
5. Idem, pg. 153
6. Idem, pg. 178
7. Idem, pg. 184
8. Antonin Artaud (1896-1948) Escritor francês, ficou conhecido principalmente por seus ensaios revolucionários e pela concepção do Teatro da Crueldade.
9. Idem, pg. 250
10. Idem, pg. 246
11. Idem, pg. 77

**Nota**

O presente ensaio é um fragmento adaptado do trabalho de conclusão de curso na PUC/RJ.

**Bibliografia**

1. ARTAUD, Antonin. *Van Gogh: o Suicídio pela Sociedade*. In: Escritos de Antonin Artaud. P. Alegre, L&PM Editores, 1983.
2. BRESCIANI, Maria Estella M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. SP, Ed. Brasiliense, 1990.
3. FRIEDERICH, Otto. *Olympia, Paris no tempo dos Impressionistas*. SP, Cia das Letras, 1993.
4. VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Théo*. P. Alegre, L&PM Editores, 1991.
5. VAN GOGH, Vincent. *The Complete Paintings*. Holanda, Taschen, 1993.
6. VIEIRA, Cathérine C. "Baudelaire e Van Gogh - Duas faces da angústia, duas linguagens da arte na Paris do Século XIX". Monografia, PUC-RJ, 1994.